

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Azevedo, Orlando Pedro Herculano Seixas de, 1963-

## **Com a sombra tomamos a figura do pato na nuvem**

<http://hdl.handle.net/11067/6891>

<https://doi.org/10.34628/gcwf-v154>

### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2023
<b>Tipo</b>	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T19:59:26Z com informação proveniente do Repositório

***COM A SOMBRA TOMAMOS A FIGURA  
DO PATO NA NUVEM***

**Orlando Azevedo**

CITAD – FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/gcwf-v154>





Fig. 1 - "Rendez-vous" 15X15 barbutina de porcelana e tinta de alto fogo.  
Policromático na peça original.

*I look high, I look low,  
I'm lookin' every where I go  
Lookin' for a home  
In the heart of the country*

*"Heart of the Country"*  
Paul e Linda Mc Cartney

Ram; Editora Apple; Agosto de 1971

**Resumo:** Desde o alvor da nossa consciência que fazemos caminho, andando ora com os olhos postos na terra, ora com os olhos postos no céu. O que nos leva a olhar o céu e o que nos leva a olhar a terra são necessidades diferentes, da polaridade que organizava a tribo e assegurava a sua sobrevivência, e do homem que se manifesta num lugar, transformador de um espaço por um desejo, criou-se uma unidade de existir.

**Abstract:** From the dawn of our consciousness we have been on our way, walking sometimes with our eyes on the earth, sometimes with our eyes set on heaven. What leads us to look at the sky and what leads us to look at the earth are different needs, from the polarity that organized the tribe and ensured its survival, and from the man who manifests himself in a place, transforming a space by a desire, a unity of existence was created.

## Como parece bela esta ideia

A partir do momento em que formulo esta frase, construo o registo hermenêutico da recepção da obra citada. Nela se afirma ter uma ideia de arquitectura, algo que se transporta como um arquétipo ou como um modelo. Coisa conhecida.

Até aqui não importa saber se é campo se é cidade, admite ser tudo, de acordo com o saber e a personalidade de cada um.

É coisa que se funde com a mais alta vibração da ideia e com a mais baixa vibração da matéria, presente no modelo. Olho para tudo em todo lado onde vou, com essa disponibilidade sei que executo um tecido de olhar, que se torna num processo de animismo, criando no território perante os meus sentidos, um coração que lhe dá sentido, criando um lugar em que habito, e como Homem, lhe chamo casa.

Este homem que se manifesta num lugar, que é transformador do espaço por um desejo, exprime uma unidade de existir.

Se o habitar é mais amplo que casa, então sentimos nestas palavras que ele há coisas que habitam em mim, que são anteriores a mim e nem por mim vividas, tanto como as coisas onde vou, são questões para serem ainda vividas e apreendidas.

Se a epígrafe nos pode remeter para uma condição sine qua non, de iniciarmos uma ação pela prévia imagem do que se persegue, o título sugere-nos que o mundo fenomenológico surge por contrastes, inclusivamente que são os contrastes que nos permitem ver.

A armadilha está em reconhecer que o mundo dos sentidos, que vive nos contrastes, seja a Súmula de tudo.

A resolução do enigma estaria no reconhecimento das emoções, na intuição como integradora de contrastes, na decisão do que se valoriza e ação motora, maximizando a potência no instante presente, como experiência de uma sincronização.

Só olhando para cima vemos as nuvens, e eventualmente, nelas os patos, figuras do nosso Mundo, mais acima, acima das coisas que vemos, o sol que faz surgir as sombras que dão expressão às figuras neste nosso Mundo. Se olharmos para baixo, inevitavelmente olharemos para o que está debaixo das coisas que vemos.

Se tomarmos um Mundo em si, como um museu, constatamos que é lugar de objectos e que neste se admite a interpretação do sentido da humanidade.

Estaríamos a construir, reunir e dispor metodicamente as partes de um todo, engendrando um objeto de pensamento pela síntese dos seus elementos.

Vejo nisto três vectores:

- a do arquitecto como artista, ao qual se impõe o imperativo da visão do mundo que interpreta com o seu ofício,
- no espírito do logos e do cosmos, na senda de uma origem, fazer surgir um discurso construído pela racionalidade gerando uma cosmologia, terceiro, tanto quanto outro, numa narrativa mítica gerando uma cosmogonia.

Colocados assim perante o discurso da razão e a narrativa mítica, haverá que tomar a metamorfose do Mundo, expressivo na sua matéria, em substância, como algo estimulante e, a metáfora, como encantamento e estímulo cúmplice. Para a ilustração do exposto proponho, o vão, na experiência de arquitectura.

Evitando o sentido do *Amuse bouche*, do divertir e do entreter, proponho avançar diretamente para a *pièce de résistance*, que apresenta o porta na arquitectura.

Eu diria que a porta encerra um mistério arquétipal, manifestado na arquitetura. Porta, janela, pórtico, tanto quanto a trave é a unidade mínima significante na tríade do sistema tectónico, temos que nesta relação de fatos materiais, tanto entramos como saímos, tomamos o sentido do vão como o da porta do Sacrário, o que encerra o mistério. Propõe uma experiência física e onírica.

Se pode simbolizar a passagem para o entendimento, acomodar duas realidades ou duas margens, essa aquisição de consciência faz-se de experiência na arquitectura. Na criação de sequências, trajectos, da tectónica, do saber estar no lugar, lugar escolhido porque é apresentado nesse novo enquadramento sobre o que existe, reconhecendo o que existe.

Em si, de que modo se cria o Mundo, é do que tratamos, ocorre na frequência das duas vias, aquela que visualiza nutrido pelo seio inteligível, e o que regista olhares sem conta, da experiência sensível.

Esse olhar criativo em que forjado na sensibilidade e disponibilidade, num colar de pares binários, primeira conquista da consciência neste Mundo, expressa um pensamento analógico em que vê coisas nas coisas.

Neste jogo de relações entre factos, que surge persistentemente em novas formas, que propõe, assegura a terceiros a vivência daquela intuição, que não obstante não é, ou não sabemos se foi, a que foi sentida pelo que olhou para as coisas pela primeira vez.

No fim de um elaborado processo não se cria o pato, mas, numa via participada pelo pathos cria-se um novo ser orgânico, que ainda estava por nascer e toma o nome pelos que o entenderem e o quiserem tomar, tantas vezes ele será chamado quantas vezes o lembrarem.